

CHAVES (Outeiro Seco)

A capela de Nossa Senhora da Azinheira está situada na freguesia de São Miguel de Outeiro Seco, a Nordeste de Chaves, sede de concelho (distrito de Vila Real), da qual dista 4,6 km. Saindo de Chaves siga pela Rua de Santo António. Na rotunda saia pela segunda saída em direção à Avenida 5 de Outubro que, cerca de 1 km depois, tem a designação de Avenida do Tâmega. Decorridos 2 km encontra-se em Outeiro Seco.

Implantada perifericamente em relação ao núcleo urbano de Outeiro Seco, a capela de Nossa Senhora da Azinheira situa-se em lugar plano, na vasta e fértil Veiga de Chaves que integra a bacia hidrográfica do Tâmega. No reinado de Afonso III das Astúrias, e no enquadramento da dinâmica da *reconquista*, o conde Odoário presuriria a cidade de Chaves em 872 – que então ganhou o estatuto de sede da *civitates Flavias* – data a que se seguiu o processo de reorganização de um amplo território adstrito à cidade de *Aqua Flaviae*, importante centro administrativo romano, cuja origem remonta ao século I d.C. A urbe romana, fazia parte do *conventus bracaraugustanos* cuja sede, *Bracara Augusta*, foi fundada por Octaviano César Augusto. A importância da cidade na época romana deve-se à sua localização estratégica e à sua integração na rede viária que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta* e *Emerita* a *Lucus*.

Na sequência da presúria de Chaves o território envolvente foi recebendo, ao longo dos séculos X e XI, diversas fundações (ou refundações) de igrejas paroquiais e de um mosteiro. Data de 995 a primeira notícia sobre um mosteiro dedicado a São João, documentalmente referido até 1073. O mosteiro viria a ser substituído pela igreja paroquial de Santo Estevão de Faiões (posteriormente designada de Santo Estevão de Chaves), igreja sagrada em 1 de julho de 1089 como parece indiciar uma inscrição publicada por Mário Barroca. Segundo este autor, a sagração dever-se-á ao bispo D. Pedro (1071-1091) que, no âmbito da organização da diocese de Braga, esteve também presente na sagração da igreja de São Salvador, São Miguel e São Julião da Várzea em 19 de outubro de 1087, igreja que os fundadores doaram àquele prelado. Este templo e a respetiva paróquia foram identificados por Avelino Jesus da Costa como São Miguel de Outeiro Seco, a igreja paroquial do núcleo urbano próximo de Nossa Senhora da Azinheira.

Duas peças com figuração em relevo, reaproveitadas numa habitação e que devem ter pertencido ao mosteiro do século X, assemelham-se a exemplares de San Miguel de Lillo ou Santa Maria de Naranco (Oviedo), o que levou Manuel Real a considerá-las próximas dos ensaios figurativos da arte asturiana juntamente com um fragmento de lintel da igreja Velha de Lomar (Braga), sagrada entre 1070 e 1091.

A capela de Nossa Senhora da Azinheira localiza-se em terreno de antiga ocupação. Conforme revela Ricardo Teixeira, na estação arqueológica aí detetada foram recolhidos materiais arqueológicos de superfície, que se dispersam por uma área de cerca 0,6 ha. O espólio é constituído por inúmeros fragmentos de *tegulae*, *imbrices*, cerâmica comum romana, vidro, pequenas pedras aparelhadas reutilizadas nas divisórias das propriedades e cerâmica cinzenta medieval.

A localização do templo de Azinheira, em lugar afastado do núcleo urbano de Outeiro Seco onde, como já foi referido, se implanta a igreja paroquial de São Miguel sagrada em 1087, o facto de à fachada do templo se encostar uma galilé com aberturas a poente, sul e norte (demolida aquando do restauro da DGEMN na década de 1930) e o próprio orago, são fatores que configuram ter sido este templo, desde a sua fundação, uma capela devocional, função que as Inquirições de 1258 confirmam. Integrada no Julgado de Chaves, Outeiro Seco pertencia ao termo da dita cidade de fundação romana. Muito embora não conste qualquer referência à igreja de São Miguel, as testemunhas ouvidas na Inquirição confirmam que parte de Outeiro Seco pertencia ao arcebispo de Braga e outra parte ao rei. Já Santa Maria da Azinheira é

explicitamente referida como ermida, sendo uma parte igualmente regalenga embora fosse o arcebispo de Braga que recolhia todas as oferendas, referindo as testemunhas que desse rendimento nada era entregue à população de Chaves em cujo termo se encontrava a capela. Apesar de ser desconhecida a data da sua fundação as Inquirições não só confirmam a sua existência em meados do século XIII, como atestam o culto à Senhora da Azinheira nesta época.

A capela terá ganho importância no início do século XVI, já que em 1523 a paroquial de São Miguel estava anexada a Nossa Senhora da Azinheira, capela da colação do arcebispo de Braga no tempo de D. Diogo de Sousa (1505-1532). É exatamente no século XVI que o templo recebe diversas campanhas de pintura mural, que cobriam integralmente as paredes da cabeceira e da nave. A este enobrecimento da capela não será estranho o próprio arcebispo de Braga, responsável por outras campanhas de pintura mural em igrejas do seu padroado, como São Salvador de Bravães (Ponte da Barca), e por uma vasta encomenda que alterou importantes parcelas da sé de Braga e redefiniu o urbanismo da cidade.

Capela de Nossa Senhora da Azinheira

A CAPELA DE NOSSA SENHORA DA AZINHEIRA é construída em granito e aparelho pseudo-isódomo, sendo composta por uma cabeceira e nave únicas, ambas cobertas por tetos de madeira, sendo de realçar a falta de ortogonalidade da planta de ambas as parcelas. É acentuado o progressivo estreitamento da nave, desde a fachada

até à cabeceira, e o não alinhamento da cabeceira com o eixo da nave, uma vez que a primeira está deslocada para sudeste. Muito embora existam outros exemplares em que esta irregular planimetria se verifica, por razões de constrangimentos de carácter topográfico ou por deficiente planeamento, como exemplifica a igreja de San Miguel



*Perspetiva geral
da capela.
Alçados norte
e oeste*

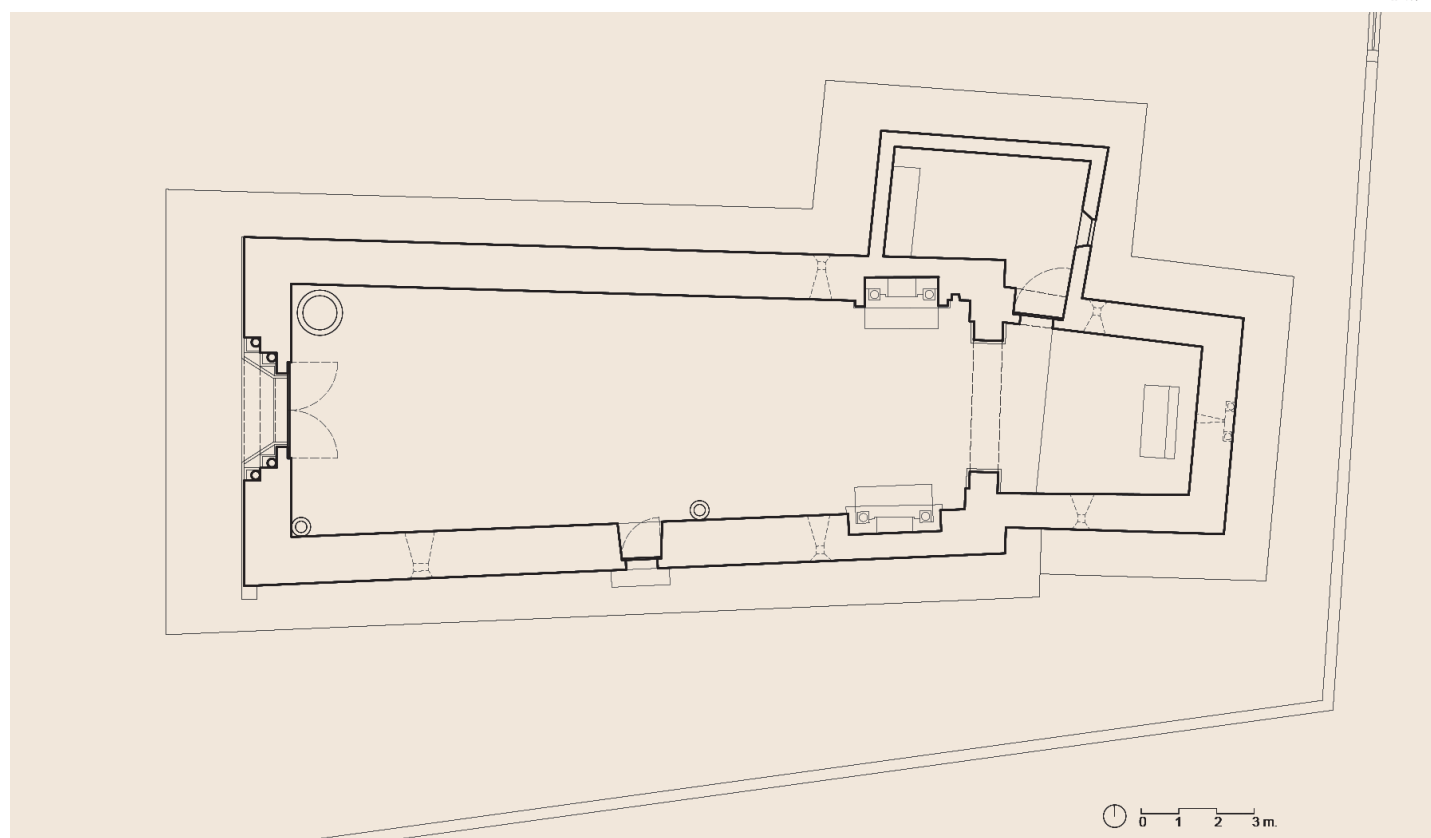
de Almazán (Soria), é de estranhar que, implantada em terreno plano, a capela de Outeiro Seco apresente aquela irregularidade. Se a solução planimétrica pode dever-se à rocha-mãe onde assenta o templo e à dificuldade em construir alicerces que permitissem uma maior regularidade, não é de descartar a hipótese de o plano ter sido constrangido por uma pré-existência. Na capela da Granjinha (Vale de Anta) também situada na região de Chaves, regista-se igualmente o desalinhamento dos muros da nave, da cabeceira com a nave, bem como o facto de a planta da cabeceira configurar um retângulo inclinado no sentido sudeste, embora de forma não tão acentuada como em Outeiro Seco. Uma sondagem arqueológica, efetuada entre 1986 e 1987, detetou estruturas de uma *villa* romana exatamente sob a capela. Recordemos que a prospecção arqueológica junto à capela de Nossa Senhora da Azinheira revelou um habitat romano. A possibilidade da existência de uma estrutura romana ter influenciado o desalinhamento da planimetria daquele templo é unicamente uma hipótese que carece de evidência arqueológica.

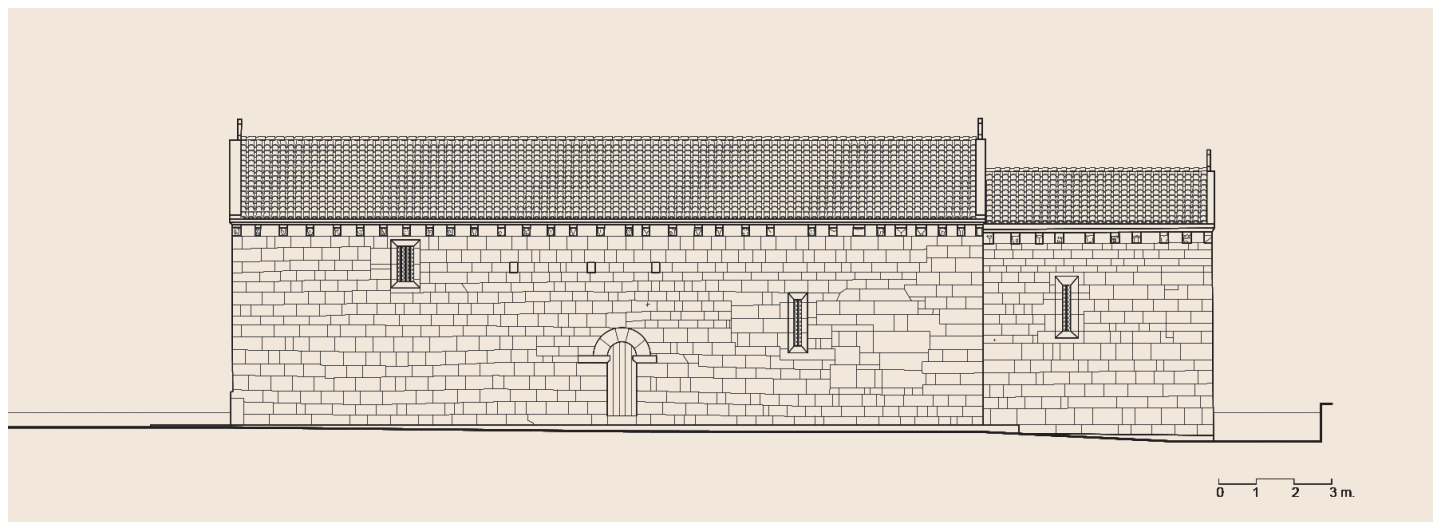
A planimetria irregular está também patente em outros exemplares românicos como a nave da igreja do mosteiro de Paderne (Melgaço). Na igreja de Serzedelo (Guimarães) a cabeceira está igualmente desalinhada do eixo

da nave no sentido sudeste. A construção românica destes exemplares substituiu templos anteriores. O mosteiro de Paderne, documentado em 1141, foi reformulado no século XIII, como garante uma epígrafe que regista a sagração da igreja em 1264, bem como os alçados e escultura dos portais. A igreja de Serzedelo está documentada desde 1071, conserva duas epígrafes do século XI, transcritas por Mário Barroca, e uma pedra de ara pré-românica, embora a construção que hoje apresenta date dos meados do século XIII. Como escreveu C. A. Ferreira de Almeida, muito dificilmente se reconstrói um templo em sítio diferente do anterior. A tradição e o imaginário têm um papel preponderante na escolha da localização de mosteiros e igrejas paroquiais. Este fenómeno está associado à sacralização dos lugares, ao seu valor referencial e às práticas cimiteriais cujas raízes remontam à época paleocristã. Muito embora no exemplar de Outeiro Seco não exista qualquer evidência documental e/ou arqueológica que assegure a pré-existência de um templo ou de uma construção romana, cremos que estas as hipóteses não são de descartar.

A cabeceira de Nossa Senhora da Azinheira apresenta, no seu alçado nascente, uma fresta com um par de colunelos (aí colocados nas obras de restauro) que assentam em plintos enxaquetados e são encimados por capitéis

Planta



*Alçado sul**Vista exterior da cabeceira e alçado norte da nave*

vegetalistas. O pequeno vão de iluminação é ambientado por um arco quebrado com decoração perlada. Os alçados sul e norte são coroados por umas cornijas suportadas por vinte e um cachorros. O perfil dos cachorros varia, sendo uns de secção quadrangular e outros de secção mais alongada. Entre os motivos esculpidos, rolos, pipas e animais, destacam-se as cabeças humanas executadas com detalhe. Contrariamente ao tipo de cachorro frequente no românico português muito tardio, cujos exemplares

de secção quadrangular mostram sistematicamente caras que ocupam todo o cachorro, no caso de Outeiro Seco são figuradas cabeças, quase bustos, que se alongam na secção retangular do cachorro. As cabeças são esculpidas com detalhe, tanto nas feições como no cabelo comprido que quase todas ostentam. Ao alçado norte da cabeceira encosta-se uma sacristia construída, como todo o templo, em granito e aparelho pseudo-isódomo. Os cachorros desta parcela são de perfil quadrangular e mostram escultura



*Cachorros do
alçado norte da nave*

menos cuidada, aparentando serem mais tardios que os da cabeceira e da nave. Os alçados das fachadas laterais são coroados por cornija que assenta em trinta cachorros na fachada norte e trinta e dois na fachada sul. Entre cabeças de animais e cachorros de proa, destacam-se, mais uma vez, os que apresentam cabeças humanas semelhantes às dos cachorros da cabeceira.

Na fachada sul abre-se um pequeno portal de arco de volta perfeita e impostas sem qualquer elemento esculpido, uma fresta a nascente e outra a poente. Abaixo dos cachorros conservam-se algumas mísulas que indiciam a existência de um alpendre, tendo sido alguns exemplares retirados aquando das obras de restauro da década de 1930. A fachada norte apresenta uma fresta em correspondência com a primeira fresta do alçado sul.

As obras de restauro incidiram principalmente na fachada principal que, além do nártex construção da Época Moderna, apresentava no topo uma alta sineira de dois vãos coroada por uma cruz pátea. Muito embora a sineira possa ser posterior à nave e cabeceira, a verdade é que o seu apeamento conferiu à fachada uma desproporção que *não* é habitual no românico português e que se traduz na pouca altura do alçado entre o arco envolvente do portal e o topo da empena de duas águas. O portal, construído na espessura do muro, é composto por duas arquivoltas, com modinatura de toro e escócia, que assentam em dois pares de colunas e por um arco envolvente com aduelas decoradas com motivo enxaquetado. Um dos capitéis do

Fresta no alçado oriental da cabeceira





Perspetiva geral do alçado sul



*Cachorros do alçado
sul da nave*

lado esquerdo apresenta motivo vegetalista enquanto no outro figuram dois animais de relevo saliente em atitude de ataque. No lado direito pontua um capitel de figuração animalista que mostra grande desgaste e um outro onde

foi esculpida uma cabeça humana semelhante às cabeças presentes nos cachorros. Tanto pela descrição de Virgílio Correia (1924) como pela observação das fotografias realizadas durante as obras de restauro (SIPA) sabemos que



Portal ocidental



Portal ocidental. Capitéis do lado norte



Portal ocidental. Capitéis do lado sul

duas mísulas ladeavam o portal, atestando um nártex anterior ao da Época Moderna.

No interior da capela destaca-se o arco triunfal. Re-construído em 1767, conforme consta de uma cartela, deve

ter aproveitado aduelas do arco românico. O arco interior mostra modinatura de toro e escócia, muito semelhante à do portal principal, e o arco envolvente apresenta uma decoração prelada. Todavia, o maior interesse do interior do

templo reside no facto de as suas paredes terem recebido programas de pintura mural que as revestiam na sua quase totalidade. Durante as obras de restauro foram destacadas algumas parcelas que hoje se encontram nos Museus de Soares dos Reis (Porto) e Alberto Sampaio (Guimarães). Na parede testeira da cabeceira, e ao modo de tríptico, estava representada, ao centro, uma *Anunciação*, ladeada por composições onde figuram a *Estigmatização de São Francisco* e *São Jerónimo penitente*. Atualmente alguns dos fragmentos destacados desta composição estão expostos na nave.

Nos muros da nave foram representados temas cristológicos e figuras de santos: *Batismo de Cristo*, *Massacre dos Inocentes*, *Última Ceia*, *Calvário*, *Lamentação*, *Deposição no Túmulo*, *Ressurreição*, *Transfiguração*, *São João Batista*, *Santo António*, *São Mauro* e *São Cristóvão*, este de grandes dimensões como é habitual. O *Batismo de Cristo* encontra-se datado de 1535, sendo de realçar que o *Massacre dos Inocentes* segue de perto a gravura de Michael Wolgemut sobre o mesmo tema. Apesar da sobreposição de camadas dificultar uma análise mais fina estas pinturas têm sido datadas das décadas de 1540/1550.

A pintura mural de Outeiro Seco tem paralelos com outros programas equivalentes em igrejas da mesma região, como Santa Leocádia ou São Julião de Montenegro, São João de Cimo de Vila da Castanheira, Santo António de Soutelinho da Raia ou a Capela de Nossa Senhora do Rosário (Sanjurge) que testemunham uma intensa atividade artística, presente desde o início do século XVI, no atual concelho de Chaves.

No século XVIII era grande a popularidade da capela pelos muitos milagres que a Senhora da Azinheira fazia, segundo garantem as Memórias Paroquiais de 1758.

Recordemos que o arco triunfal foi reconstruído em 1767 sendo, provavelmente, da mesma época o nártex, demolido nas obras de restauro, que se encostava à sua fachada principal. Todavia, recorde-se que a capela terá ganho importância no início do século XVI, uma vez que em 1523 a igreja paroquial de São Miguel estava anexada a Nossa Senhora da Azinheira, importância essa que pode estar na origem dos programas de pintura mural.

O templo guarda ainda uma pia batismal em granito com elementos vegetalistas, círculos e encordoados que

Perspetiva geral do interior da capela desde o lado ocidental



parece remontar à Idade Média e que pode ter sido deslocada da igreja paroquial de Outeiro Seco.

Na opinião de C. A. Ferreira de Almeida, o templo de Nossa Senhora da Azinheira deverá datar dos finais do século XIII. A organização do portal, o capitel com uma cabeça e o tipo de bases que integram o seu alçado, bem como os cachorros que figuram cabeças são os argumentos avançados para aquela datação. Embora em casos epigonais do românico português de que são exemplos construções dos séculos XV ou mesmo XVI, pontuem cabeças humanas nos cachorros e capitéis, os exemplares de Outeiro Seco estão formalmente mais próximos da cabeceira do mosteiro de Fonte Arcada (Póvoa de Lanhoso), construção data dos meados do século XIII. Na abside da igreja de San Lorenzo de Vallejo de Mena (Burgos), figuram bustos humanos e rostos alongados nos capitéis muito semelhantes aos de Outeiro Seco. Rodríguez Montañés considera ser esta igreja um epígono do românico castelhano, muito embora detete mais do que uma campanha construtiva, sendo a primeira do último quartel do século XII e a segunda já do século XIII.

Apesar da dificuldade em destrinçar as origens e significados das cabeças humanas que espreitam ou se projetam entre composições vegetalistas, certo é que este motivo já existia na Antiguidade. A propósito das cabeças em capitéis, densamente presentes no mosteiro da Batalha (séculos XIV-XV), Joana Antunes sugere que “é à cabeça enquanto elemento pensante e comunicante por excelência que compete o domínio da palavra” considerando que é essa uma das alegorias articuladas de todo o programa iconográfico batalhino. Se a hipótese de Joana Antunes é aliciante e fundamentada não significa que o *sentido* das

cabeças seja sempre o mesmo. Como é sabido a interpretação da escultura românica constitui-se como um problema de difícil resolução, até porque uma mesma imagem pode ter significados distintos conforme o contexto em que está inserida. Todavia, a presença tão intensa de cabeças humanas em Outeiro Seco parece indiciar um significado preciso.

Tratando-se de uma capela devocional românica, o templo de Nossa Senhora da Azinheira não pode deixar de ser comparado à capela de Nossa Senhora da Orada (Melgaço) que também apresentava um nártex encostado à fachada principal, composto por três vãos. Construída pelos monges cistercienses do vizinho mosteiro de Fiães, esta capela deverá datar dos meados do século XIII.

A conjugação entre a referência nas Inquirições de 1258 e o programa patente em Outeiro Seco sugere uma datação da primeira metade do século XIII para a edificação da capela de Nossa Senhora da Azinheira.

Texto: LCR - Fotos: JNG - Planos: GM/MS/NB
(sobre SIPA-DGPC/DGEMN)

Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 104; ANTUNES, J.F., 2016, pp. 655-656; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 31 (de [1071-1072]); BARROCA, M.J. 2017a, Insc. n.º 40 (de [1071-1072]); BARROCA, M.J., 2004, p. 183; BARROCA, M.J., 2013a, pp. 263-273; BARROCA, M.J. 2017a, Insc. n.º 45 (de 1089, julho, 1); BESSA, P., 2007a, II, p. 45; CORREIA, V., 1924a, pp. 91-98; COSTA, A.J., 1959, I, p. 51, II, p. 402; PMH, INQ., 157-158; LEMOS, F.S., 1988b, pp. 163-182; LITTLE, C.T., 2006, p. 156; MEM. PAROQ. 1758 (2006); REAL, M.L., 1990, pp. 448-451; RODRÍGUEZ MONTAÑÉS, J.M., 2009, III, pp. 2089-2107; TEIXEIRA, R., 1996, p. 34.

